

Os bastidores da realidade e a realidade dos bastidores: efeitos de real no site *JN Especial*

The backstage of the reality and the reality of the backstage: effects of real in JN Especial website

EDSON DALMONTE*

JÚNIA ORTIZ**

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar os recursos utilizados pelo telejornalismo de forma a aproximar público e produção televisiva na articulação entre telejornalismo e internet. Partimos da análise do site *JN Especial*¹, que está ligado ao site do *Jornal Nacional* e hospedado pelo portal <Globo.com>, a fim de entender como se dá a produção discursiva de sentidos e de efeitos de real a partir do conteúdo disponibilizado e da possibilidade de interação do público. Nossa intenção é observar como os textos, vinculados a outros recursos como fotografias, vídeos e os comentários do público, constroem discursos a respeito da produção jornalística, que deve estar pautada na apresentação do real.

Palavras-chave: telejornalismo, internet, convergência, real

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the resources used by the television news in order to approach public and television production, in the relationship between television news and internet. We started from the analysis of the website *JN Especial*, which is linked to *Jornal Nacional* and hosted by <Globo.com>, in order to understand how the discursive production of meanings and real effects happens from the content available at the website and the possibility of the public interaction. Our intention is to observe how the texts, linked to other resources such as photographs, videos and comments from the public, build discourses about journalistic production, which must be based on the actual presentation.

Keywords: television news, Internet, convergence, real

* Professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Coordenador do ANALÍTICA: Grupo de pesquisa em Análise Crítica da mídia e produtos midiáticos. E-mail: edson-dalmonate@gmail.com

** Mestranda em Comunicação e Cultura Contemporâneas – PósCom/UFBA. E-mail: junia.ortiz@gmail.com

1. <<http://g1.globo.com/platb/jnespecial/>>.

**TELEJORNALISMO E CONVERGÊNCIA:
A INTERNET COMO LUGAR DE DIÁLOGO**

A HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO é marcada pelo desenvolvimento constante de novos aparatos e suportes para o texto, voz e imagem, por exemplo. A cada invenção, novos hábitos de consumo são desenvolvidos. Ao lado dos grandes inventores, como Gutenberg, temos outros inventores que se dedicam à elaboração de fábulas acerca do futuro, fazendo parte do gênero *Literatura de antecipação*¹, prevendo o avenir/devenir de *engenhocas* maravilhosas.

1. É o caso das obras de Júlio Verne, por exemplo, autor de *Viagem ao centro da terra* (1864); *Vinte mil léguas submarinas* (1873); e *Volta ao mundo em oitenta dias* (1873).

Dentre os autores futuristas, podemos destacar o francês Octave Uzanne, que em 1894 escreveu *O fim dos livros* (Uzanne, 2010), com o objetivo de pensar o que seria o futuro do livro e do jornal. Indagado sobre tal questão, diz:

Se por livros vocês entendem os inúmeros cadernos de papel impresso, dobrado, costurado, sob uma capa que anuncia o título da obra, confessá-los-ei que francamente não creio [...] que a invenção de Gutenberg como intérprete das nossas produções intelectuais possa mais cedo ou mais tarde cair em desuso (Uzanne, 2010: 41-42).

Para Uzanne, a grande ameaça ao livro seriam as então recém-descobertas acerca da capacidade de registro da voz. Daí sim poderia vir o fim da tradição das impressões, mas o livro enquanto artefato sociocultural permaneceria inabalável. Sobre isso, prenuncia: “o elevador matou o subir das escadas, o fonógrafo provavelmente destruirá a imprensa” (Ibid: 48).

Quando arguido acerca do jornal diário e da imprensa, Uzanne responde:

Ela [a imprensa] seguirá a via geral, já que a curiosidade do público será sempre crescente; em breve ele não se contentará com as entrevistas impressas e mais ou menos reportadas; o que se desejará é ouvir os entrevistados, se deliciar com o discurso do orador da moda, conhecer a cantora atual, apreciar a voz das divas lançadas na véspera etc (Ibid: 67).

Como que antecipando questões que nos são contemporâneas, Uzanne apresentava os anseios mediante um mundo novo que se abria com as inovações tecnológicas que apenas se começava a vislumbrar em fins do século XIX. Chama a atenção à explicitação da vontade de sair do discurso estático do jornal impresso e iniciar uma fase de convergência, fazendo confluir texto e som e, se escrito pouco tempo depois, possivelmente o autor já falaria do encontro entre imagem e som, como se vê na passagem em que fala do *kinetógrafo*, de Thomas Édison: “o *kinetógrafo* gravou o movimento do ser humano e o reproduziu da mesma forma como o fonógrafo gravou e reproduziu sua voz” (Ibid.: 73).

Ao nos depararmos com a atual realidade dos meios de comunicação, damos-nos conta de estarmos diante de novos aparatos culturais. Temos visto o desenvolvimento de novos hábitos, que propiciam o surgimento de neologismos que tentam conceituar essa outra realidade comunicacional. Nessa leva, podemos apontar, por exemplo, *producers*, que seria a simbiose entre os papéis tradicionais de produtor e consumidor/usuário² de informação (Bruns, 2005). De fato, desde sistemas mais simples – como páginas pessoais em sites de relacionamento – aos *blogs*, o indivíduo, antes leitor estático, pode passar a ator participante, produtor e difusor de informação.

Essa é, contudo, apenas uma faceta da atual realidade comunicacional. Se do lado do leitor/usuário temos visto essas mudanças, tantas outras são processadas também do lado produtor. A mais significativa, talvez, seja a incorporação do leitor pela instância de produção: ele não é apenas o livre produtor de conteúdos que flana pelos espaços virtuais. Ele passa a produzir conteúdos que, na lógica paratextual (Dalmonte, 2009), vai compondo as tramas de uma narrativa que, por mais espalhada que seja, vai sempre remeter ao texto *original*.

Uma das principais conquistas dos novos modelos comunicacionais interativos é a ruptura de uma temporalidade estática, ou o tempo do jornalismo (Dalmonte, 2010). Em detrimento do impresso, rádio e televisão que dispõem de horários para a exibição de seus produtos³, a prática jornalística em plataformas digitais produz outra dimensão temporal, que simula uma maior proximidade ao tempo corrente, aquilo que se convencionou chamar *tempo real*.

Tal aproximação se dá exatamente pela interação do leitor, que faz o texto (original) se mover constantemente. Dessa forma, um produto estático, que se apresenta *ao mundo* num momento preciso apenas, agora vai sendo atualizado ao longo de um tempo indefinido. É dessa forma que revistas semanais, por exemplo, chegam às redes sociais⁴ e, enquanto continuam falando das últimas matérias, já começam a apresentar o que virá. Dessa forma, os produtos semanais passam a outra categoria temporal, promovendo a ruptura com a temporalidade jornalística, pois simula-se uma aproximação ao tempo da vida, fazendo coincidir o tempo dos fatos, do relato e do consumo.

Tal realidade apenas é possível porque estamos em plena era das convergências, como define Jenkins:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (2009: 29).

2. A partir do inglês: *producer e user*.

3. Rádio e televisão já marcaram um avanço, pois têm a capacidade de romper suas grades de programação a qualquer instante, embora tal ruptura abrupta deva ser anunciada com marcas específicas, como vinhetas, visuais e sonoras, como que pedindo licença ao espectador.

4. Além das já tradicionais opções de enviar, comentar etc.

O atual estágio dos meios de comunicação, com base na convergência, nos coloca diante de um cenário de encontro entre as frentes produtora e consumidora dos discursos. Tal encontro se dá por meio dos produtos multimidiáticos, que se abrem à participação. Dessa feita, a elaboração dos produtos comunicacionais leva em consideração a potencialidade de tais plataformas e os agentes assumem a postura de multigestores, como ressalta Giovagnoli.

Ecletismo dramaturgico e *realidade aumentada*⁵, identidade múltiplo-distributiva, escrita hipertextual [conectiva] e *narrativa interativa*⁶, o autor nas novas narrativas é tanto um especialista da gestão do imaginário quanto um experimentador de novos sistemas narrativos e, ao mesmo tempo, um demiurgo dialogante com as diversas audiências destinatárias da história, das mensagens promocionais e dos conteúdos oferecidos pelos projetos editoriais multimidiáticos com os quais está envolvido (2009: 29).

Conforme a proposição de Giovagnoli (2009), a realidade *cross-media* coloca a produção, ou instância produtora, diante de outros dilemas, dentre eles a interação dialógica com o público. Uma vez que os produtos não são mais estáticos, o desafio não diz respeito apenas a um tipo de *produção primária*, como na época dos produtos analógicos. A era digital, marcada pela fluidez, traz outros desafios para os gestores de produtos comunicacionais, dentre eles a tentativa de manter diálogo com o público, fato que pode ser caracterizado como *produção secundária*, ou um tipo de organização discursiva de segunda natureza – convergente. Tal produção de segunda natureza não é caracterizada pela produção direta de um produto acabado, que se oferece à leitura, mas antes é a abertura de uma via de diálogo com o público. Nessa lógica, o processo é o produto.

O diferencial está nas “tecnologias da mobilidade”⁷ (Vacas, 2010: 25-26), recurso que possibilita ao usuário decidir *quando e onde* acessar um conteúdo. A comunicação pervasiva tem como uma de suas características permitir ao usuário uma conexão permanente. Essa característica leva os novos produtos a lançarem mão deste importante diferencial para renovar seus conteúdos. No contexto da mobilidade, temos o importante efeito da copresença, que coloca produtores e consumidores num nível de maior proximidade, tendo o conteúdo informativo como o lugar deste encontro.

Passa a ser fundamental, seguindo essa lógica, o *local* da convergência, que pode ser *espontâneo*, quando articulado pelos usuários de redes sociais, ou *proposital*, quando organizado pelos gestores do produto em questão. Sob a ótica da organização discursiva, tal premissa é o que Maingueneau (2001: 122) define como cenografia, entendendo-a como uma situação específica de

5. *Augmented reality*.

6. *Interactive storytelling*.

7. Compreendendo-se desde a telefonia celular, até os dispositivos com tecnologias *wireless*: Wifi, Wimax, Bluetooth e GPS.

enunciação que define o tempo (cronografia) e o espaço (topografia) nos quais se desenvolve o ato, bem como as condições de enunciador e coenunciador. Entre os indícios que possibilitam caracterizar uma cenografia, estão indicações paratextuais (título, menção de um gênero, prefácio do autor etc.), ou explícitas nos textos (muitas vezes por cenários enunciativos preexistentes).

Com frequência, a cenografia se baseia em cenários de enunciação validados, instalados no universo de saberes e de valores do público – o que não significa valorizado. “[...] Um cenário validado que é mobilizado a serviço da cenografia de uma obra é também o produto da obra que pretende enunciar a partir dele” (Maingueneau, 2001: 126). Cenas validadas são cenas instaladas na memória coletiva; um estereótipo autonomizado, descontextualizado.

A situação de enunciação e os cenários validados não precisam formar um conjunto homogêneo, estar em perfeita conformidade; é a relação de todos os elementos que compõem a cenografia global. A cenografia tem uma função integradora – o que não significa uma configuração estável –; ela diz respeito ao universo no qual é preciso que se situe para interpretar determinado discurso.

É a partir de tal perspectiva que os novos produtos comunicacionais promovem um diálogo com o conjunto de seus leitores/usuários. Há uma clara tentativa de proposição de uma cenografia, que pretende acolher este usuário, promovendo um efeito de sentido inequívoco de abertura à participação e contato direto com leitores. Como parte constituinte dessa cenografia, tem-se o recurso oferecido pelas redes sociais, que representam o ponto de contato entre o ambiente institucional dos meios de comunicação e o universo dos leitores. É nesse ponto de confluência que está situado o objeto empírico do presente artigo, o *JN Especial*⁸, site ligado ao telejornal *Jornal Nacional* (TV Globo), que por meio do *comentário*, abre uma janela permanente de contato com o leitor. Como resultado, tem-se uma comunicação em dois níveis: 1) o jornal atua como agente da ação, divulgando seu conteúdo e 2) o jornal passa a objeto da ação dos leitores/usuários, que comentam, divulgam etc.

Quanto à construção da enunciação discursiva, também cabe atentar à função de determinados elementos que – por mais supérfluos que possam parecer – buscam simular o real, ou o efeito de real. Como aponta Barthes (1984), tal utilização objetiva serve para conferir realismo a determinados elementos culturais, originalmente o romance realista. Dentre o processo de construção do efeito de real, certos elementos anunciam sua história, seja pelo registro de seu testemunho ou por sua função referencial no processo de significação – o *ter estado* ou a ideia de ter-estado. Mecanismo chamado de “ilusão referencial” por Barthes (1984: 136), tais elementos significam o real e simulam a impressão de estar diante do fato, do acontecimento.

8. <<http://g1.globo.com/platb/jnespecial/>>.

Para Floch (1986: 31), são vários os efeitos de sentido possíveis promovidos por uma obra: de realidade, de surrealidade, de irrealidade, de hiper-realidade etc. Ao jornalismo, torna-se basilar a busca de efeito de sentido de realidade e, no caso da aplicação dos recursos interativos, percebe-se o uso estratégico de tais ferramentas, cuja meta é simular a participação total.

JN ESPECIAL: BASTIDORES DAS GRANDES PRODUÇÕES

Como *corpus* de análise, tomamos para este estudo o *site JN Especial*⁹, a fim de analisar a articulação entre telejornalismo e internet, por meio dos recursos utilizados pelo telejornalismo de forma a aproximar público e produção televisiva. Assim, buscamos compreender como se dá a produção discursiva de sentidos e de efeitos de real a partir do conteúdo disponibilizado no *site* e da possibilidade de interação do público. Hospedado pelo portal <Globo.com>, o *JN Especial* é um *site* com estrutura de *blog*, no ar desde março de 2008. É ligado ao *site* do *Jornal Nacional*, entendido aqui como uma tentativa de estabelecer um diálogo mais próximo entre o telejornal e o seu público. O *site* tem como objetivo disponibilizar informações a respeito da produção de reportagens especiais transmitidas pelo telejornal, combinando, em seus artigos, texto, imagens e *links* para outros textos e reportagens em vídeo. Segundo a descrição do *site*: “Reportagem especial merece tratamento especial. Por isso, você encontra aqui - e só aqui - informações exclusivas das grandes produções do *Jornal Nacional*. Seja bem-vindo!” (*JN Especial, online*).

Nossa intenção é observar como os textos, vinculados a outros recursos como fotografias, vídeos e os comentários do público, constroem discursos a respeito da produção jornalística, que deve estar pautada na apresentação do real. Nesta primeira etapa da pesquisa, tomamos todos os textos postados no *site* no período de janeiro de 2010 a maio de 2011, – o que contabiliza um total de 46 postagens – identificando os temas, os recursos utilizados, o número de comentários, dentre outros elementos estruturais que convocam o leitor/usuário/telespectador.

As postagens no *site* são bastante irregulares, sendo distribuídas de forma desproporcional entre os meses do ano. Alguns meses passam até mesmo sem nenhuma postagem. Durante todo o ano de 2010, ocorreu um total de 18 postagens, nenhuma delas nos meses de maio, junho, setembro e dezembro. Já no ano de 2011, só até o mês de maio, período analisado, foram publicados 28 textos, concentrados apenas nos meses de abril e maio, sendo uma postagem em abril e outra em 27 em maio. Com relação às categorias, o maior número de textos publicados pertence à *Série Educação*, com 13 inserções. São artigos relacionados a uma série especial de reportagens sobre os maiores problemas de educação no

9. <<http://g1.globo.com/platb/jnespecial/>>.

Brasil. Apresentada pelo repórter Alan Severiano, a série denominada *Educação, o desafio da qualidade* foi exibida de 9 a 13 de maio de 2011. Logo em seguida, vêm as postagens que correspondem à categoria *JN no ar*, em número de 12. Esta categoria se refere a uma nova fase do projeto *JN no Ar*, que é incorporada à série *Educação*. O *JN no Ar* foi um projeto especial do *Jornal Nacional* criado para as eleições de 2010. Em sua primeira fase, consistia na visita de uma equipe de reportagem comandada pelo repórter Ernesto Paglia a uma cidade de cada estado brasileiro e do Distrito Federal, durante 39 dias anteriores às eleições de 2010. A nova etapa do projeto tinha como objetivo visitar escolas de todas as regiões do país, incorporando-se à série *Blitz da educação*.

De certa forma, a repercussão da série *Educação, o desafio da qualidade* transmitida pelo *Jornal Nacional*, e a posterior vinculação da série ao projeto *JN no Ar*, que teve muito sucesso em sua primeira fase, explicam a maior incidência de textos nos meses de abril e maio, atrelados, principalmente às duas séries. Além disso, a temática é de extrema relevância social e, com as visitas realizadas pela *Blitz da educação* a escolas de todas as regiões do país, junto ao projeto *JN no Ar*, torna-se tema ainda mais próximo do público.

Quanto à utilização de recursos como vídeos e fotos, das 46 publicações analisadas, apenas quatro não utilizaram nenhum dos dois elementos, todas as outras eram acompanhadas por pelo menos um desses recursos, algumas possuíam somente um pequeno texto explicativo, sendo vídeos/fotos os elementos principais da postagem. Como dito anteriormente, a importância da utilização destes recursos pelo *site* se deve ao fato de conferir maior credibilidade ao que é narrado, possuindo função referencial. Os vídeos, em sua maioria, se compõem de depoimentos de pessoas comuns, em geral, sobre os assuntos tratados nas reportagens exibidas na TV; e dos próprios jornalistas, quando falam/mostram detalhes da cobertura das gravações das reportagens. As fotografias, por outro lado, têm diferentes funções nas matérias analisadas. Algumas postagens são mesmo galerias de fotos, como a publicação do dia 15 de janeiro de 2010, intitulada *Haiti: a tragédia em preto e branco*, composta por fotos do terremoto que aconteceu no Haiti em 12 de janeiro de 2010, causando grandes danos materiais e humanos. As fotos foram capturadas de imagens de vídeo exibidas em reportagens no *Jornal Nacional*, editadas e tratadas para a publicação no *site*. Em outras publicações, as fotos revelam os bastidores de gravações, mostrando repórteres fazendo entrevistas ou gravando passagens, câmeras e produtores concentrados no trabalho. Há também as fotos que apenas acompanham o texto, sem uma função em si. Por fim, aquelas que mostram as equipes de produção em momentos mais descontraídos, no ambiente de trabalho ou não. Neste tipo de imagem, a evidência está na pessoa e não em

seu trabalho. Individuais ou coletivas, as fotos se assemelham àquelas que compõem os álbuns virtuais dos *sites* de relacionamento social. Além de destacar também os que não trabalham em frente às câmeras, até então desconhecidos pelo público, aproximando o telespectador da produção das reportagens, colocando produtores e consumidores em maior grau de proximidade, ao passo que revelam aqueles que trabalham nas equipes de telejornalismo.

As publicações do *site* são abertas a comentários do público. Em geral, os comentários se destinam a parabenizar a produção das reportagens, oferecer depoimentos pessoais de experiências relacionadas ao tema, ou até mesmo acrescentar informações. Em algumas postagens, os comentários chegam a gerar discussões entre os usuários. No período analisado, o *site* recebeu, em média, aproximadamente 27 comentários por postagem. A quantidade de comentários, no entanto, varia muito de uma matéria a outra, sendo 291 o maior número de comentários e 0, o menor. Essa variação se dá por diversas razões, como o tema tratado, a forma como é abordado, dentre outros fatores, que provocam diferentes graus de interação dos usuários. Outro recurso utilizado pelas publicações é a inserção de *links* para vídeos e matérias no *site* do *Jornal Nacional*. Dessa forma, permite-se que o telespectador/usuário assista a reportagem ou série de reportagens sobre a qual a matéria se refere caso tenha perdido sua transmissão na TV, ou mesmo assistir novamente. Das 46 postagens, 11 utilizaram o recurso.

No que se refere à construção e conteúdo dos textos publicados, observam-se diferentes formas de estruturação. Grande parte dos textos dão detalhes dos bastidores da cobertura jornalística e da rotina dos repórteres. Estes detalhes revelados se referem ao próprio trabalho jornalístico, como uma mudança repentina de pauta, dificuldade com equipamentos, preparação para uma cobertura, dentre outros; podem se referir também ao dia a dia dos próprios repórteres. O texto publicado em 21 de outubro de 2010, sob o título *Haiti: a rotina dos enviados especiais numa terra devastada*, por exemplo, se destina a descrever a forma como os três jornalistas enviados ao local – Lília Teles, Rodrigo Alvarez e Luiz Cláudio Azevedo – organizavam suas tarefas e o dia de trabalho. Acompanhado de uma foto que mostra o interior da Base Militar Brasileira em Porto Príncipe, lugar onde os jornalistas dormiam, o texto expõe particularidades da rotina vivida por esses profissionais no país:

[...] Lá eles têm comida, banho e colchão para dormir, um luxo para os padrões atuais do Haiti, mesmo que não tenham toalha, travesseiro e cobertor, apesar do frio que faz à noite. Eles comem no bandeirão dos soldados, que dão carona algumas vezes quando os repórteres precisam sair da base para trabalhar. Mas geralmente eles usam mesmo moto-táxi para encarar o trânsito caótico em Porto Príncipe.[...] ¹⁰

10. *Haiti: a rotina dos enviados especiais numa terra devastada*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pla-tb/jnespecial/2010/01/21/haiti-a-rotina-dos-enviados-especiais-numa-terra-devastada/>>. Acesso em: 29 jul. 2011.

Na primeira metade do mês de maio, em 2011, os textos postados no *site*, por outro lado, não se referiam ao trabalho de cobertura jornalística. Todos os textos deste período pertencem à categoria *Série Educação* e, em sua maioria, são compostos por depoimentos e dados referentes à educação no Brasil, de forma geral, informações que estão associadas ao tema principal da série e não ao trabalho de construção das reportagens. Assim, esse tipo de postagem parece ter função complementar ao que é exibido na TV, disponibilizando informações extras relacionadas à temática. Dos 13 textos pertencentes à categoria, apenas um se referia à produção da série. Publicado no dia 12 de maio de 2011, o texto apresenta toda a equipe que integrava a série em uma lista com o nome de cada um – produtores, editores, auxiliares etc –, o texto ainda é acompanhado de algumas fotos da equipe em trabalho.

Outro tipo de postagem são textos escritos pelos próprios jornalistas e não pela produção do *site*. O estilo aqui é bem parecido com a crônica e é sempre escrito em primeira pessoa. Neste tipo de texto, são os repórteres que narram a cobertura e as empreitadas vividas por eles mesmos. Pelo menos 11 textos são depoimentos de repórteres, em nosso *corpus* de análise. Temos como exemplo a descrição da cobertura do terremoto que atingiu o Chile no final de fevereiro de 2010, feita pelo repórter Marcos Uchôa; ou a correspondente Giuliana Morrone contando sobre a cobertura do Oscar 2010, dentre outros. Ao descrever sua ida à prisão militar estadunidense de Guantánamo, o repórter Rodrigo Bocardi revela:

E assim nós começamos a perceber que não poderíamos dizer o que realmente acontece em Guantánamo. A cada imagem gravada tinha um militar para revisar e aprovar. Ou reprovar e mandar apagar. [...] Enquanto escrevo esse texto, por exemplo, há dois sargentos ao meu lado. E eles só não interferem porque para eles isso é uma sopa de letras que não faz sentido algum.¹¹

Dessa forma, o jornalista faz, em alguma medida, um pacto com o leitor/ usuário que é também telespectador do jornal, revelando aquilo que não seria revelado no telejornal. Outra característica destes textos são as referências frequentes aos colegas de equipe de forma mais íntima. Ao falar sobre as dificuldades na gravação das reportagens da série *Amazônia Urbana*, o repórter Alberto Gaspar declara: “Melhor ter ao lado alguém de absoluta confiança, como o repórter cinematográfico Laércio Domingues, que eu conheci logo ao ingressar na TV, em 1982. Já era craque. Se for contar tudo que ele já me ensinou, o relato da nossa saga amazônica encaixa”¹². Em outro texto, que se refere aos bastidores da cobertura no Haiti, o repórter Luiz Cláudio Azevedo é em todo momento chamado de *Azevedinho*. Ao evidenciar essa relação de intimidade

11. *Por dentro da polêmica, intrigante e questionada prisão de Guantánamo*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/jnespecial/2010/07/01/por-dentro-da-polemica-intrigante-e-questionada-prisao-de-guantanamo/>>. Acesso em: 29 jul. 2011.

12. *Percalços e obstáculos de um lindo desafio: falar sobre a Amazônia urbana*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/jnespecial/2010/07/24/percalcos-e-obstaculos-de-um-lindo-desafio-falar-sobre-a-amazonia-urbana/>>. Acesso em: 29 jul. 2011.

entre os jornalistas, estes se mostram em nível pessoal também para nós, o público. Isto os retira do lugar de instrumentos de transmissão de notícias, colocando-os em um plano de sujeito/pessoa que se revela ao telespectador/ usuário de modo mais familiar, provocando um efeito de contato direto com o público.

AS MAIS COMENTADAS

Entendendo todos os elementos descritos no tópico anterior como componentes do cenário discursivo, nosso objetivo é compreender de que forma convocam o leitor a partir da apresentação do real. Partimos, então, para uma análise discursiva das três postagens mais comentadas do *site* no período analisado, buscando entender como construíram uma maior aproximação com o público. Em ordem decrescente, são elas: *Bonner, um twitteiro premiado*, com 291 comentários; *Conheça o especialista em educação Gustavo Ioschpe*, com 155 comentários; e *Fátima Bernardes: 'Laura Beatriz é um marco dessa história'*, com 86 comentários.

Com 86 comentários, a primeira postagem analisada aqui é intitulada *Fátima Bernardes: 'Laura Beatriz é um marco dessa história'*. Trata-se de um pequeno texto acompanhado de um vídeo de aproximadamente oito minutos em que Alfredo Bokel, o editor do *site* do *Jornal Nacional*, entrevista Fátima Bernardes, na redação do jornal, sobre a cobertura dos deslizamentos em Niterói, que aconteceram em abril de 2010. Por conta da dimensão da tragédia, o *Jornal Nacional* do dia 8 de abril foi apresentado em edição especial: a âncora Fátima apresentou o jornal, ao vivo, próximo ao Morro do Bumba, onde aconteceu um grande deslizamento causado pelas fortes chuvas no Rio de Janeiro. No vídeo, ela conta como foi tomada a decisão de apresentar o jornal fora do estúdio, a sensação de responsabilidade de cobrir um desastre desse porte, dentre outros detalhes. O destaque de seu depoimento, utilizado no título, é a história contada por uma menina de 8 anos, chamada Laura Beatriz, coincidentemente os nomes das filhas gêmeas de Fátima Bernardes, que revelou uma forte emoção ao ver a garota contando sobre suas perdas e a esperança para o futuro.

A transcrição da fala da apresentadora no título, que se refere ao depoimento e à história da garota no Morro do Bumba, nos leva a pensar, evidentemente, na comoção de Fátima, aproximando-a do sentimento que também atingiu grande parte dos brasileiros, dando sentido a uma emoção que não pode ser expressa de forma deliberada no telejornal. Esta ideia se complementa com a notável identificação do público, observável a partir da análise dos comentários deixados pelos leitores. De uma forma geral, os comentários têm sempre um tom bastante pessoal, parabenizando a realização da cobertura, a iniciativa da

apresentação do jornal no local dos deslizamentos, e o trabalho da jornalista Fátima Bernardes. É o discurso do jornalista sério, profissional e, ao mesmo tempo, humano, que se comove e se emociona com a notícia que transmite. Abaixo, segue, como exemplo, a transcrição de alguns trechos de comentários relacionados à matéria, retirados do *site*¹³:

Nossa, a equipe do jornalismo da globo é realmente feita de pessoas sérias que sabem o valor da informação e além de td são mt humanas... (sic.)

(Karla: 20 junho, 2010 às 10:05)

[...] A frase mais marcante de toda a reportagem, foi da menina Laura Beatriz. “Agora vou viver a minha vida, né?” Uma garota de apenas 8 anos que está em plena infância, curtindo as brincadeiras e feliz, dizendo que após perder o pouco que tinha iria viver a vida?? Isso sim é uma realidade. [...] Uma excelente reportagem com o brilhantismo de sempre de nossa querida Fátima e a grande cobertura da rede globo, em especial do JN. Estão todos de parabéns, equipe e emissora.

(Márcio Rocha: 23 abril, 2010 às 18:28)

Em outros comentários, é o profissionalismo de Fátima Bernardes que é ressaltado com admiração:

Nossa, essa entrevista foi maravilhosa, alias a Fátima é uma jornalista que dispensa comentarios... Meu sonho é ser jornalista, começo esse ano minha faculdade e espero poder um dia brilhar tanto quanto essa mulher que é Fátima Bernardes. (sic.)

(Julia: 12 abril, 2010 às 20:55)

Uma coisa que sempre admirei na Fatima é esse poder de contar a noticia, é diferente de simplesmente ler uma noticia. Desde a sua chegada ao JN existe uma sensibilidade maior, isso não quer dizer que ela é melhor ou pior que outros apresentadores, so que com ela nota-se um sorriso discreto quando é para sorrir e a dor quando é pra sentir dor. Isso so mostra que o trabalho dela é feito com verdade. Parabens a todos do JN e especial a Fatima por ser essa excelente profissional. (sic.)

(Marcio: 13 abril, 2010 às 06:48)

O segundo texto de nossa análise possui o título *Conheça o especialista em educação Gustavo Ioschpe*, e 155 comentários. Este texto é uma transcrição de depoimentos do próprio Gustavo Ioschpe, especialista que acompanhou a equipe da *Blitz da educação* do projeto *JN no ar*. Com suas próprias palavras, o especialista conta sobre sua carreira e planos futuros. O texto é acompanhado de uma foto na qual Ioschpe aparece dentro de um jatinho (o do *JN no ar*, provavelmente) utilizando um *notebook*. Em conjunto com o texto, a fotografia

13. Fátima Bernardes: “Laura Beatriz é um marco dessa história”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/jnespecial/2010/04/12/fatima-laura-beatriz-e-um-marco-dessa-historia/#comments>>. Acesso em: 29 jul. 2011.

P

Os bastidores da realidade e a realidade dos bastidores: efeitos de real no site *JN Especial*

nos leva a associar o especialista a uma imagem de bom profissional, jovem e comprometido. As declarações de Ioschpe, no entanto, dividiram as opiniões do público com relação a sua credibilidade para tratar do tema educação, o que provocou comentários com teores muito diversificados.

O primeiro tipo de comentário destacado aqui é aquele que não se refere ao que é abordado no texto de forma direta, mas ao tema relacionado a ele, que, neste caso, é a série *Blitz da educação*, acompanhada pelo especialista em questão. Alguns comentários exaltam a importância do tema e elogiam a produção das reportagens; outros, criticam a forma como a temática é abordada. Seguem alguns exemplos:

[...] Com certeza esse tipo de reportagem vai modificar o cenário jornalístico no Brasil, tenho certeza disso. Não se fala outra coisa em todo o país na área educacional. [...] as consequências dessas reportagens já são visíveis e por isso imploramos: NÃO PAREM COM A BLITZ!!! O JN está proporcionando ao país um momento histórico de reflexão na educação. Nenhuma palavra que eu escreva aqui será suficiente para parabenizá-los. A Blitz é algo excepcional e precisa ter continuidade por muito e muito tempo...

(Roberta: 21 maio, 2011 às 21:02)

Primeiramente gostaria de parabenizar ao JN pelas reportagens mostrando a realidades de nossas escolas, e também por lembrar de que a nossa profissão “PROFESSOR” tem que ser valorizada, como Gustavo Ioschpe coloca em suas falas. PARABENS! [...] (sic.)

(Monara: 17 maio, 2011 às 20:56)

Acabei de assistir a última reportagem da Blitz da Educação e vi que no Pará os professores não foram à aula porque estão em greve. Notei que o sr. Gustavo falou com desdém, como se os professores fizessem greve só para prejudicar os alunos. Seria bom se vocês ouvissem o outro lado. [...] Da próxima vez, falem com os educadores que vocês verão que eles querem fazer muito pela educação do país.

(Adriana Medeiros: 21 maio, 2011 às 21:15)

[...] É, vocês fizeram uma bela reportagem, só que não é disso que nós educadores precisamos, não é disso que os pais precisam. Mostrem o porque de tanta diferença entre uma escola e outra. Mostrem como são capacitados os professores. Mostrem como estão falidas as nossas famílias, mas também o que pode ser feito para isso mudar. Façam um belo trabalho sobre a Educação, ajudem-nos a salvá-la. [...]

(Adriane: 21 maio, 2011 às 21:04)

No texto, Gustavo Ioschpe conta que é graduado em Ciência Política e mestre em Economia, sua ligação com o tema educação se dá por meio de sua

pesquisa acadêmica. Esta informação, porém, não agrada a todos os telespectadores/usuários, que passam a exigir a presença de alguém com experiência direta na área educacional, argumento também utilizado para justificar críticas veementes à atuação de Ioschpe nas reportagens, muitas vezes de forma irônica.

Infelizmente o “Especialista” em educação nunca foi professor e muito menos das escolas públicas do nosso Brasil. [...]

(Adelson Fernandes Junior: 21 maio, 2011 às 02:25)

[...] Importante frisar, especialista em educação deve ter uma convivência mais diária da situação escolar. É fácil apontar uma ou outra deficiência em qualquer escola, mas conhecer a sua realidade requer tempo e conhecimento. [...] Se o senhor fosse um desses professores que enfrenta dificuldades para fazer o que é possível na “arte” de educar, não falaria assim. [...] Quem trabalha em escola sabe da ausência dos pais e responsáveis no cotidiano escolar. [...]

(Wilson J. de Araújo: 20 maio, 2011 às 21:39)

[...] Não queremos ouvir economistas falarem de estatísticas na educação. Queremos professores. Docentes que vivem a realidade nua e crua, Sr. Gustavo. Ficarei atendo com seus comentários nas próximas reportagens. Cuidado!

(Gustavo: 17 maio, 2011 às 14:09)

O que ou quem habilitou o Sr. Gustavo Ioschpe a falar sobre a educação básica em nosso país???? Só porque ele pesquisa Educação não quer dizer que ele conheça como a educação realmente acontece. Quanto tempo ele tem de experiência em efetivo exercício da docência para alunos do Ensino Fundamental???? [...]

(LG: 17 maio, 2011 às 09:35)

Em uma perspectiva discursiva, o que existe, na verdade, é uma disputa pela autoridade sobre o discurso que circula sobre a educação. O que estes telespectadores/usuários exigem é a presença de alguém que se enquadre no perfil estabelecido por eles – ter experiência prática na área – com legitimidade para falar sobre o tema, com autoridade conferida para proferir determinados discursos. Isto nos remonta a um procedimento de controle do discurso descrito por Foucault (2008), denominado *vontade de verdade*. De acordo com este procedimento, estamos constantemente julgando os acontecimentos e discursos, buscando a verdade. Para tanto, em muitos casos, os discursos devem buscar respaldo em outros campos para comprovar a sua veracidade, verificação esta, que passa, também, pela função de sujeitos a quem é dada autoridade para admitir certo discurso, este papel é desempenhado pelo chamado *sujeito cognoscente*.

No entanto, esta disputa não acontece só com relação ao especialista oficial da série, mas a todo o momento ela se torna evidente nos comentários, quando os leitores deixam claro, logo de início, ou em algum momento do comentário, suas referências profissionais. Ao dizer, “sou professor com especialização e mestrado”, “sou orientadora pedagógica de um sistema de ensino”, ou “trabalho em uma escola no interior de São Paulo”, os sujeitos estão todo o tempo justificando sua autoridade para se pronunciar a respeito do assunto.

Seguindo adiante em nosso objeto de estudo, temos o *post Bonner, um twitteiro premiado*, com o maior número de comentários: 291. Esta postagem se refere ao prêmio *Shorty Awards*, considerado uma espécie de *Oscar dos twitters*, recebido por William Bonner, na categoria jornalista. A postagem se compõe de um texto acompanhado de um depoimento livre, em vídeo, de Bonner, sobre o prêmio e a forma de conduzir seu perfil no *site* de relacionamento social. Bonner explica que, apesar de ter ficado em primeiro lugar, sendo o jornalista mais bem votado, ele dividiu o prêmio com a americana Rachel Maddow que ficou em segundo lugar, visto que ela, diferente dele, de fato, utiliza a ferramenta como instrumento de trabalho. No vídeo, ele declara que o seu perfil no *Twitter* não tem ligação direta com o trabalho jornalístico:

Foi absolutamente surpreendente pra mim, porque foi um prêmio para a categoria jornalista e eu não faço jornalismo no *Twitter*. Eu brinco, uso a ferramenta para me relacionar, para me aproximar do público. Mostrar, digamos, uma face que o *Jornal Nacional*, minha atividade profissional, não tem condição de oferecer ao público normalmente¹⁴.

Os comentários relacionados à matéria demonstram uma relação pessoal do público com respeito a Bonner, elogiando e parabenizando sua atuação tanto no telejornal quanto em seu perfil do *Twitter*. Seguem alguns exemplos:

Bonner, parabéns pela pessoa e pelo profissional que vc é. (sic.)
(Edson Alves: 17 maio, 2010 às 20:48)

o bonner é o cara parabéns prêmio merecido você no twitter é ótimo fala com as pessoas de igual pra igual não fica bajulando celebridade você fala com o publico acho isto muito bom nos aproxima de você (sic.)
(Pedro Silva Martins: 20 abril, 2010 às 09:53)

É uma honra para nós brasileiros termos tido a oportunidade de votar em voce para concorrer ao Oscar do Twitter. Jantamos todos os dias com vc e a Fatima, e seu twitter realmente nos aproxima mais de vc que é uma pessoa que tanto admiramos e que vemos[atruves do twitter] que é gente como a gente. Merecido premio. PARABENS (sic.) (Valeria Lugon: 6 março, 2010 às 02:42)

14. *Bonner, um*

twitteiro premiado.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/jnespecial/2010/03/05/bonner-um-twitteiro-premiado/comment-page-7/#comments>>.

Acesso em: 29 jul. 2011.

Bonner possui hoje 1.857.751¹⁵ seguidores no *Twitter*, e, apesar de seu perfil não estar atrelado ao telejornal, a postagem a respeito do prêmio conquistado aponta para o fato de que a imagem de Bonner na rede social provoca consequências diretas em sua atuação profissional. O jornalista se apresenta na rede social como o *tio* Bonner, de modo a se aproximar ainda mais do público, forma como é tratado pelos seus seguidores que deixaram comentários. Segundo ele, a rede é uma oportunidade para apresentar seu lado descontraído e, ao estreitar seu relacionamento com o público, modifica também a experiência de consumo do telejornal.

15. Dados de 1 ago. 2011.

[...] Assistir o Jornal Nacional antes era uma coisa, mas assistir agora é de forma diferente.. Agora é o Tio.. apresentando o jornal. E não o Willian Bonner totalmente sério. rs [...] Esses veiculos da internet tem o seu lado bom, com ele podemos conhecer como são as pessoas, como elas são, e como se parecem conosco. Com isso sentimos uns mais pertos dos outros. Não famoso de um lado, sociedade normal de outro.. O Tio nos mostrou como ele é, por isso o seguimos.(sic.)[...] (Jéssica Trevisan: 6 março, 2010 às 01:55)

PARABENS!!! Tio, vc mereceu o premio. Mas que ganha mesmo somos nos. Obrigada por cada tweet! Vc e io ! (Elen: 6 março, 2010 às 01:26)

[...] Passei a ver com mais interesse o JN depois que eu comecei a seguir o Bonner no twitter. Pensar que depois de um boa noite todo sisudo e sério ele entra no twitter e brinca com a gente é estranho e divertido. (Junior: 6 março, 2010 às 11:37)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do *site JN Especial* nos permite compreender de que forma são construídos discursos a respeito das produções jornalísticas, ao passo que se criam vínculos entre público e produção televisiva. É importante observar que as publicações com maior número de comentários, ou seja, as que mobilizaram uma maior interação do público, são aquelas que, em alguma medida, destacam características pessoais dos sujeitos, a saber: Fátima Bernardes, Gustavo Ioschpe e William Bonner. Em especial, evidenciamos aqui o modo como o público se dirige ao casal Fátima e Bonner e a cada um, individualmente. Os telespectadores/usuários os tratam de forma íntima, carinhosa, pessoal, uma relação que é construída pelo próprio telejornal e é reforçada pela internet.

Ao se assemelhar ao formato de *blog*, a estrutura do *site* permite a construção de narrativas diversas acerca das produções, oferecendo maior facilidade

de acesso do público às informações e aos bastidores das notícias. Dessa forma, mostra-se o real para além da realidade revelada na TV. É a realidade dos desafios, das dificuldades, do esforço e do trabalho que está por trás do que já vem pronto e exibido no telejornal.

Com base no objeto empírico aqui estudado, o efeito de sentido de real é proposto pelo jornalismo com base nos recursos interativos, que permitem ao produto não apenas *falar do real*, mas *estar no real*. Tal entrada no real se dá pela passagem do relato, como elemento da instância de produção, para a discussão, ou deliberação, na qual todos os interessados estão incluídos e, se interessados, poderão participar emitindo opinião ou contribuindo com a circulação. Assim, compreendemos que, por meio dos recursos proporcionados pela internet, o telejornalismo, que está ancorado na realidade, pode expor detalhes da construção da notícia, apresentando repórteres, equipes e bastidores das produções, criando estratégias de aproximação com o público e, ao mesmo tempo, produzindo novos efeitos de real. ■

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. O efeito de real. In: *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- DALMONTE, Edson F. *Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- FLOCH, Jean-Marie. Le changement de formule d'un quotidien approche d'une double exigence: la modernité du discours et la fidélité du lectorat. *Les Médias - Experiences, Recherches Actuelles, Applications*. Paris, IREP, p. 231-247, juillet 1985.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 16. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- GIOVAGNOLI, Max. *Cross-media: le nuove narrazioni*. Milano: Apogeo, 2009.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes: 2001.
- UZANNE, Octave. *O fim dos livros*. São Paulo: Octavo, 2010.
- VACAS, Francisco. *La comunicación vertical: médios personales y medios de nicho*. Buenos Aires: La Crujía, 2010.

Endereços eletrônicos

- DALMONTE, Edson F. Presente: o tempo do jornalismo e seus desdobramentos. *História*, Unesp, vol. n.29, 2010. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742010000100019&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 29-07-2011.
- JN Especial. <<http://g1.globo.com/platb/jnespecial/>>.

- BONNER, um twitteiro premiado. *JN Especial*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/jnespecial/2010/03/05/bonner-um-twitteiro-premiado/comment-page-7/#comments>>. Acesso em: 29 jul. 2011.
- FÁTIMA Bernardes: 'Laura Beatriz é um marco dessa história'. *JN Especial*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/jnespecial/2010/04/12/fatima-laura-beatriz-e-um-marco-dessa-historia/#comments>>. Acesso em: 29 jul. 2011.
- HAITI: a rotina dos enviados especiais numa terra devastada. *JN Especial*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/jnespecial/2010/01/21/haiti-a-rotina-dos-enviados-especiais-numa-terra-devastada/>>. Acesso em: 29 jul. 2011.
- PERCALÇOS e obstáculos de um lindo desafio: falar sobre a Amazônia urbana. *JN Especial*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/jnespecial/2010/07/24/percalcos-e-obs-taculos-de-um-lindo-desafio-falar-sobre-a-amazonia-urbana/>>. Acesso em: 29 jul. 2011.
- POR dentro da polêmica, intrigante e questionada prisão de Guantánamo. *JN Especial*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/jnespecial/2010/07/01/por-dentro-da-polemica-intrigante-e-questionada-prisao-de-guantanamo/>>. Acesso em: 29 jul. 2011.

Artigo recebido em 19 de janeiro e aceito em 1 de março de 2012.

